ISMAEL PORDEUS E A PESQUISA HISTÓRICA

CARLOS STUDART FILHO

A maneira de Viriato Correia — a quem emprestamos alguns conceitos iniciais destas desataviadas notas —, sentimos pelos sábios especialistas mais que simples reverência; votamos-lhes o respeito quase religioso que se costuma tributar às entidades supernas.

Tal como o escritor citado, pasmamos ante êsses homens desprendidos que levam a existência inteira a estudar determinado gênero de inseto, a classificar conchas ou tentando reconstruir, em seus detalhes mais salientes, a vida de uma civilização, esboroada há milênios e cujos restos mal distintos se espalham hoje através de áreas territoriais consideráveis.

Nós os admiramos porque só criaturas excelsas, de infinita abnegação e inquebrantável tenacidade, podem dar-se ao luxo dêsses beneditinos labôres. Desprezando glórias efêmeras, triunfos que se logram sem custo, indiferentes aos aplausos fáceis de amigos ignaros e volúveis, e até às louçanias dos prêmios e títulos acadêmicos, trabalhando, não raro, "para o silêncio e quase para a anonimia", êles, realmente, inspiram veneração. Verdadeiros "anacoretas do saber, satisfazem-se com o louvor de dois ou três entendidos na especialidade" que abraçaram, e têm-se por plenamente recompensados com uma paga tão modesta.

Mas não apenas os sábios especialistas nos assombram e intimidam-nos; causam-nos deslumbramento também os investigadores honestos, essas criaturas de convicções fortes, operosas e pertinazes. Desacompanhados, não raro, da necessária bagagem científica, sem lastro filosófico de qualquer natureza, êles se empenham em buscas acuradas e difíceis nos mais variados setores do conhecimento humano, e triunfam, por vêzes, de maneira imprevista e surpreendente.

(*) Trabalho lido na sessão fúnebre dedicada à memória de Ismael Pordeus.

Percebemos haver nêles, na inquebrantável energia que os arrima, na crença íntima que os estimula e conduz, algo de grandioso e, quiçá, até de sobrenatural. Laivos de pré-ciência parecem impeli-los às temerárias emprêsas a que tão desprendidamente se abalançam.

Schliemann que, guiado apenas por uma fé profunda e alentadora, descobriu Tróia e, assim, tornou em realidade acontecimentos históricos, "havidos por muitos como meras ficções poéticas", é, para nós, o símbolo egrégio e eterno dêsses beneméritos varões...

Concorre, talvez, para reforçar e manter viva a admiração que votamos aos sábios especialistas e aos pesquisadores honestos, e a fazer com que uns e outros apareçam aos nossos olhos num halo de misteriosa, imponente e simpática majestade, o fato singular de associarmos sempre as suas figuras respeitáveis às dos personagens centrais de certas telas célebres. Seus temas nos ficaram gravados na memória desde a época bastante recuada em que, cursando a Faculdade de Ciências e Letras, do Rio de Janeiro, tomamos conhecimento das obras dos grandes mestres da pintura. Dentre tôdas as que nos deixaram impressões mais fundas lembramo-nos da obra magnífica dum pintor cujo nome olvidamos, mas que sabemos representar o alquimista ao trabalho.

Na meia obscuridade de amplo subsolo, de chãos, teto e paredes lajeadas, está um ancião sob a luz, que desce mortiça de estreita janela gradeada. Recurvo sôbre retortas e infólios, parece mergulhado em excogitações profundas. Alheio à balbúrdia, verdadeiramente caótica, que lhe vai em tôrno, macilento e desacompanhado, sôfrego e incansável, êle intenta penetrar os arcanos da natureza. Sem repouso, nem desfalecimento, busca talvez a pedra filosofal, a panacéia ou o elixir da longa vida; aquela destinada a transmutar metais, êstes a remir o homem da contingência de sua condição de ser perecedouro.

É dêsse modo que vemos sábios e pesquisadores; é a imagem que nos ocorre ao pensamento, quando ouvimos pronunciar estas palavras mágicas. Por estranho sortilégio, concebemo-los como uns sêres solitários, abroquelados por fé inabalável, engrandecidos pelo próprio mérito, emergindo do proscênio de um quadro, que tanto pode ser a biblioteca vetusta de um convento, como o moderno laboratório científico.

Assim, apareceu-nos Ismael Pordeus, depois de havermos tomado conhecimento de seu primeiro trabalho histórico, intitulado **Antônio Dias Ferreira e a matriz de Quixeramobim** ("Rev. do Inst. do Ceará". Tomo LXIX, Ano LXIX, págs. 189 a 213 e Tomo LXX e Ano LXX, págs. 73 a 114).

Êle publicara, é certo, um longo e erudito estudo sôbre **D. Guidinha do Poço,** romance de Oliveira Palva, o "intérprete inicial do

sertanismo regionalista" e "pintor enternecido e tantas vêzes amargurado do interior áspero e triste" do Ceará.

O trabalho, que lhe abrira as portas do nosso Instituto e de que só há pouco tomamos conhecimento, acaba de aparecer nas páginas da "Revista da Academia Cearense de Letras", o que representa verdadeira consagração para quem não pertence àquele sodalício. É escrito do mais alto valor, que está a exigir largos comentários. Dêle foram tiradas 200 separatas para gáudio dos leitores não filiados ao benemérito cenáculo.

Em sua narrativa, desenvolve Oliveira Paiva a história, a um tempo pungente e tôrva, de rica matrona sertaneja, história cujas cenas mais vivas se desenrolam em âmbito de pequena comunidade rural: — a fazenda do Poço da Moita. A heroína, D. Guidinha, nela se move como uma figura de tragédia grega, embora sem a grandeza ostentosa, conteúdo simbólico, garbo e jactância dos personagens de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Tal, porém, como os figurantes das tragédias helênicas, governa-a o destino, essa entidade misteriosa e inexorável que Hesíodo tinha por mais poderosa que os altos senhores do Olimpo.

Devorada pelas ardências de um amor pecaminoso, "lançada ao adultério pelos impulsos de seu temperamento", Margarida, que tal era, no romance, o nome da infeliz matuta, tresvaria e acaba valendo-se do crime para livrar-se daquele que desposara e com quem sempre vivera em maridagem. Prêsa e condenada, como matricida, de queda em queda acaba mendigando pelas ruas o cotidiano sustento.

Considerada pelos críticos mera obra de ficção, escrita em estilo saboroso e colorido, o romance de Oliveira Paiva transfigurou-se nas mãos de Ismael Pordeus em verdade histórica.

Por êle submetido a proficiente análise, "a mais legítima criação da escola naturalista" perde, a pouco e pouco, o véu da fantasia em que o autor a envolvera e embuçara. Um a um, vão sendo identificados os personagens, cenários e acontecimentos; cabras do eito, vaqueiros, escravos, retirantes, clérigos e homens do comércio e da justiça recobram os verdadeiros antropônimos; esmaecidos recantos de paisagem vêem-se recompostos, e até esquivos figurantes subsidiários reconhecidos e proclamados.

Tudo, no tumultuoso drama, adquire vida e vibra em coloridos de realidade. O escrito de Ismael Pordeus é uma vitória da inteligência, zêlo e pertinácia.

Como teria êle tomado contato com a singular criação de Oliveira Paiva? Que motivos o arrastariam a interessar-se pelos seus heróis e sôbre êles empreender tão árduas pesquisas? Por que, não sendo um especialista em tais assuntos, enveredou por estradas assim fragosas? Diz-nos o autor singelamente que a acolhida elogiosa, dispensada pela crítica literária nacional ao livro do escritor

cearense, o arrastou a compulsá-lo e que "logo aos primeiros capítulos, sentiu-se como que em presença de cenários familiares".

Identificando, afirma ainda, velhos sertões do livro, ia sentindo que o tema não lhe era também estranho. Já ouvira, diz-nos, relato de história algo semelhante à romanceada pelo autor cearense e, em consagrando maior atenção à leitura, conseguira identificar vários dos personagens ali existentes.

Não cremos fôssem tão restritas as circunstâncias que o tornaram pesquisador, "levando-o a alcançar, mais tarde, tão retumbantes sucessos nos complexos domínios das indagações históricas."

Muitas pessoas, antes e depois dêle, leram, por certo, o primoroso escrito de Oliveira Paiva. Algumas estariam perfeitamente familiarizadas com os sertões e ribeiras do Quixeramobim e conheceriam as tradições, hábitos e costumes de suas gentes. Nenhuma se sentiu, porém, impelida a inquirir se os heróis, postos em cena, eram sêres verdadeiros. Se, porventura, houve quem a isso se abalançasse, fracassou, lamentàvelmente, pois da emprêsa não restaram lembranças conhecidas. E dêsse modo deve ter sido, porque, para triunfar em tal cometimento, se fazia mister possuir, além daquele dom divinatório de que nos fala Afonso Pena Júnior, em prefácio escrito para a obra de Rodrigues Lapa, a fé inabalável de um Schliemann e a tenacidade, que é a condição precípua de todo êxito no difícil campo das pesquisas.

Acreditamos que Ismael Pordeus possuísse essas imprescindíveis virtudes. A presença constante do autor nos arquivos e bibliotecas fala-nos de sua fé e de sua pervicácia.

Como quer que seja, dando corpo, forma e alma a sêres irreais, êle produziu obra de verdadeiro mestre. De seu longo, contínuo e produtivo labor, surgiram páginas que podem ser consideradas as melhores, na espécie, aparecidas entre nós.

No mesmo gênero, embora de tipo diferente, conhecíamos o estudo histórico e filológico de M. Rodrigues Lapa, sôbre as **Cartas Chilenas** (Rio, 1958, Ed. do Instituto Nacional do Livro); a monografia de Afonso Pena Júnior, versando **A Arte de Furtar e seu Autor** (*) e alguns outros de igual tomo, todos magníficos repositórios de cuidada erudição com os quais o escrito de Ismael Pordeus **A Margem de Dona Guidinha do Poço** pode perfeitamente ombrear-se.

* * *

Indefesso em seus labôres produtivos, estudioso diligente também dos nossos fastos nacionais, dava êle a lume, algum tempo de-

(*) Pena, Afonso (Júnior). **A Arte de Furtar e Seu Autor**. Rio de Janeiro, Livraria J. Olympio, 1940, 2 vols.

pois do seu ingresso na Casa do Barão de Studart, ao livro **Raízes Históricas de Brasília**, trabalho imprescindível aos que pretendam traçar com segurança a história da nossa Capital.

Nêle consigna o autor uma série de documentos do mais alto valor, que, com a paciência incansável que lhe é característica, coligiu em meses e meses de acuradas e perseverantes buscas.

É, no gênero, a única obra até agora publicada no País.

Mais tarde, tem início a sua longa e acesa polêmica pela imprensa, travada em derredor das origens da cidade de Fortaleza. Lançado no torvelinho das discussões acaloradas, Ismael Pordeus torna-se, desde logo, o **imaginarius**, o porta-bandeira, para não dizermos o líder, de uma das duas principais correntes das muitas que, perquirindo o apaixonante assunto, chegaram a conclusões divergentes e irreconciliáveis. Seria, igualmente, aquêle que levaria mais funda, dentro de seu grupo, a análise do enovelado tema.

Não cabe aqui indagar se êle, ou qualquer de seus ilustres companheiros de pesquisas, logrou encontrar a solução definitiva para o fascinante enigma; se ficou decidida a pendência, ou qual haja sido a facção legitimamente vencedora.

Essas perguntas, que, por certo, deverão ter ocorrido ao espírito de quem não tomou íntimo contato com o assunto, são despiciendas. O problema em si não tem, ou antes, não pode ter solução aceitável, equacionado nos têrmos em que vem sendo feito, e usando-se apenas os dados hoje conhecidos.

Tenhamos em vista que, para resolver de vez a palpitante questão, se faz necessário não apenas incursionar pelos domínios de várias disciplinas auxiliares da história, ainda não chamadas a cooperar na solução do caso, mas, sobretudo, a consulta a novas fontes informativas.

Os arquivos de Pernambuco encerram, dizem-nos pessoas bem informadas, nada menos de doze mil documentos do período batavo, de fundamental interêsse para nós, que não podem ser consultados por não terem sido ainda traduzidos para o vernáculo. Passá-los para a nossa língua não será emprêsa fácil, uma vez que se trata de holandês seiscentista, pouco familiar até aos modernos filhos dos Países Baixos.

Quanto aos papéis, oficiais ou não, existentes no Ceará e os livros de maior autoridade, que versam os primórdios de nossa formação social, já foram, em maioria, senão na quase totalidade, examinados e reexaminados pelos combatentes dêsse prélio glorioso, que tem por escopo estabelecer a verdade histórica, verdade, aliás, elástica, contingente e formal, que a simples descoberta de um documento pode derruir de maneira definitiva, mas nem por isso menos verdade atual.

Esclareçamos logo que o afirmamos, implicitamente, ser a história, em grande parte, um tecido de verdades contingentes, não implica, de nenhum modo, negarmos-lhe a qualidade de ciência, porque Ciência ela o é, em tôda a plenitude, com objetivos determinados e métodos próprios.

Em sua luta pela imprensa, em artigos esparsos publicados em **O Nordeste**, vimos que Ismael Pordeus intentou estabelecer uma nova verdade histórica. Tê-lo-ia conseguido? Não nos cabe, pelos motivos já apontados, aprofundar o assunto.

O que deve ser pôsto em relêvo é ter êle feito obra de pioneirismo e renovação; é o haver encarado, sob novos ângulos, acontecimentos julgados pacíficos pelos nossos mais credenciados especialistas; aberto imprevistos caminhos para o estudo de um capítulo da crônica regional nordestina e trazido valiosíssima contribuição à análise do palpitante assunto. Merece, pois, o sr. Ismael Pordeus aplausos dos historiadores em geral, e dos homens de cultura.